

O refugiado a nado.

José D'Assunção Barros¹



O sal das lágrimas
Misturava-se ao das águas:
Só queria vida, só queria um chão.

Mas encontrou as armas nas mãos de um guarda.
Encontrou o exército de todos os países do mundo,
E a serviço de todas as burocracias do Universo.

Ele pedia um lugar, e implorava pão;
Mas encontrou um muro
Para além dos muros
(Não bastassem as águas
Contra as quais nadava).

O Refugiado a nado
Construiu seu escafandro
Com garrafas e boias de plástico.
Conseguiu quebrar a violência das ondas...
Mas não conseguiu derreter o coração das autoridades.

Duros, e como a um peixe, devolveram-no ao mar
– Ao mar da morte e da vida em morte:
Ao mar cinza dos apátridas

¹ Professor-Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor-Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.



A quem ninguém quer.

Devolveram-no
– Ao refugiado a nado –,
Como se nunca o tivessem recebido.
Entregaram-no àquela vasta extensão de oceano
– Desoladora, fria e muito mais implacável –
Para além do Mediterrâneo,
E de todos os mares:
Para aquém da Terra.

Depois que ele se foi,
Como se não tivesse chegado,
Rasgaram sua presença como uma foto incômoda.
No fim, os noticiários o deglutiram ao avesso
Como uma fome indigesta...
Qual mera curiosidade
Para a sessão da tarde.

Recebido em 02/01/2023
Aceito em 04/12/2023